

**ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO
BRASIL
INSTITUTO JUNGUIANO DO RIO GRANDE DO SUL**

O Relacionamento Amoroso e o Processo de Individuação

Maytê Cristina da Cruz Romero

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Analista Junguiano pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul, da Associação Junguiana do Brasil.

Orientador: Eliane Berenice Luconi

Porto Alegre
2012

EPÍGRAFE

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Fernando Pessoa

RESUMO

Compreendendo a importância da ampliação da consciência a partir dos conhecimentos e conteúdos vindos do inconsciente pessoal e coletivo, foi aceito o direcionamento do Self da autora que, por meio de um sonho, orientou-a a escrever sobre relacionamento amoroso. As ampliações dos principais símbolos do sonho conduziram ao conceito de individuação descrito por Jung; à mitologia cristã, através dos símbolos do paraíso, da queda do paraíso, da cruz, da crucificação e do sacrifício; a alguns preceitos alquímicos e à mitologia grega no mito de Eros e Psiqué. Nesse trabalho foi correlacionado tais arquétipos com o relacionamento amoroso no processo de individuação. Partindo do princípio que viver um relacionamento amoroso não é tarefa fácil, percebeu-se que é na dificuldade do caminhar pelo solo do amor que o indivíduo se depara com os maiores obstáculos e os mais importantes aprendizados da vida. O relacionamento amoroso pode trazer em si a possibilidade de se estar submetido a um movimento cíclico de ampliação de consciência que se repete sucessivas vezes nas etapas do relacionamento. As etapas do relacionamento amoroso referidas nesse trabalho são: o estado indiferenciado do paraíso que traz a prontidão para a vivência da entrega ao amor, da *coniunctio* e da consciência das projeções. A queda do paraíso que traz a possibilidade de viver o nascimento da consciência na relação, de fazer uso do outro como espelho que reflete nossa própria imagem. A cruz como símbolo da percepção dos opostos. A crucificação, como representante da possibilidade de viver a tensão entre os opostos que, por sua vez, possibilita a vivência do sacrifício na relação. E o sacrifício como a possibilidade da morte da relação ideal projetada para que a relação real e diferenciada possa nascer. Isso porque a cada volta, tem-se a possibilidade de mais uma ampliação de consciência de si mesmo e do outro, de consolidação do relacionamento e de evolução no processo de individuação. Concluiu-se com esse trabalho que o futuro do relacionamento amoroso depende da caminhada de cada um na relação e de sua consciência do hoje. É essencial que se volte ao paraíso e que dele se saia quando for necessário, respeitando a indicação do Self frente à necessidade do momento. Quanto mais próximo de si mesmo for possível chegar, mais perto estará do outro, e mais inteiro para a vivência do relacionamento amoroso. E, consequentemente, mais perto estará do Sagrado e de suas grandes lições.

Palavras-chave: Relacionamento amoroso – Processo de Individuação – Ampliação de Consciência – Paraíso - Sacrifício

ABSTRACT

Understanding the importance of consciousness widening departing from the contents coming from the personal and collective unconscious, it was accepted the directioning of the Self of the author who, through a dream, oriented herself to write about loving relationship. Widening of the main symbols of the dream led to the concept of individualization described by Jung; to the Christian mythology, through the paradise symbols, the falling of the paradise, of the cross, of the crucifixion and of the sacrifice; to some alchemical precepts and to the Greek mythology of Eros and Psyche. This work correlated such archetypes with loving relationship in the individualization process. Departing from the complexity of the experiences of a loving relationship, it was perceived that it is on the difficulties found when walking on the soil of love that an individual faces many obstacles and important life apprenticeships. Loving relationship may bring in itself the possibility of being submitted to a widening of the cyclic movement of consciousness that is successively repeated during the relationship phases. The loving relationship phases referred in this paper are; The indifferentiated state of the paradise that brings about the readiness to the experience of surrender to love, of the *coniunctio* and the projections of consciousness. The paradise fall that brings the possibility of living the birth awareness in the relationship.. The cross, as a symbol of the perception of opposites. The crucifixion, representing the possibility of living the tension among the opposites that makes it possible the experience of sacrifice in the relationship. And the sacrifice, like the possibility of death of the ideal relationship, projected so that the real and differentiated relationship may arise, since we always have the possibility of widening our own conscious as well as of the other, of marriage consolidation and evolution of the individualization process. It is concluded with this work that is essential to go back to the paradise and leave it when necessary, respecting the indication of the Self due to the necessity of the moment. The loving relationship depends on the individual walk and of our own conscious. As closer as we can get to ourselves, closer to the other we will be, and more whole for the experience of love, and as a consequence we will be closer to the Sacred and of its great lessons.

KEYWORDS: Loving Relationship. Individualization Process. Consciousness Widening. Paradise. Sacrifice.

ÍNDICE

Introdução.....	6
1. O Paraíso: a Indiferenciação.....	10
2. A Cruz: a Consciência do Bem e do Mal.....	15
3. A Crucificação: a Manifestação dos Complexos	20
4. O Sacrifício: O Esforço de Tornar Sagrado.....	28
5. O Retorno ao Paraíso: a Diferenciação	43
Conclusão.....	49
Bibliografia.....	51

INTRODUÇÃO

O processo de individuação, segundo Jung, é um esquema psíquico que apresenta uma tendência reguladora, gerando um movimento de crescimento lento em curto prazo, mas a longo prazo, torna-se perceptível. Esse processo se desencadeia no Self, totalidade da psique e centro organizador da mesma. (JUNG, 1995)

Ocorre de maneira espontânea e inconsciente, pois trata-se de um processo que faz parte da natureza inata do indivíduo. Entretanto, só se apresenta real e cheio de significado à medida que o indivíduo se torna consciente e se compromete com ele, podendo, inclusive, participar ativamente do seu processo de individuação, mas em um sentido estrito, ou seja, o ego pode cooperar com o processo; no entanto, não pode se apossar dele, já que é gerado e direcionado pelo Self. (JUNG, 1995)

A individuação é um processo de realização da própria vida, de realização do divino no homem, pois o aspecto espiritual do arquétipo do Self proporciona ao indivíduo a compreensão de que existe uma força maior que move suas ações e amplia o significado de sua vida. O arquétipo do Self é a imagem de Deus, do Divino, do Ser Supremo e Total. (JAFFÉ, 1995)

Para Jung, os arquétipos seriam protótipos de conjuntos simbólicos gravados nas profundezas do inconsciente coletivo, manifestando-se como estruturas psíquicas praticamente universais, inatas ou herdadas, que se expressam através de símbolos carregados de potência energética, desempenhando um papel muito importante na evolução da personalidade. Os símbolos arquetípicos ligam o universal ao individual. (JUNG, 2000)

Esses sinais ou mensagens arquetípicas vindas do Self chegam ao ego através dos sonhos, da associação livre, ou mesmo através da produção artística, das imagens e dos símbolos. (JUNG, 2000)

O processo de individuação se dá, então, através da comunicação simbólica entre o Self e o ego e entre esse e o mundo, pois é também no mundo que a individuação caminha; é no viver diário, na relação com o outro e na relação

consigo próprio que o arquétipo mais se manifesta com o intuito de promover a ampliação da consciência rumo ao crescimento psíquico. (JAFFÉ, 1995)

Para se tornar consciente do processo de individuação, do funcionamento da sua vida interna e externa, o indivíduo precisa percorrer a estrada já percorrida pela humanidade que o antecedeu e que deixou a marca de sua jornada impressa na sequência arquetípica das imagens mitológicas gravadas no inconsciente coletivo. (NEUMANN, 1995)

O Inconsciente coletivo representa uma camada mais profunda da psique de origem universal que, segundo Jung: “(...) possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘*cum grano salis*’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica supra pessoal que existe em cada indivíduo.” (JUNG, 2000, par.3)

Neumann relatou que:

(...) A relação do ego com a natureza eterna das imagens arquetípicas é um processo de sucessão temporal, isto é, ocorre em estágios. A capacidade de perceber, de compreender e de interpretar essas imagens se transforma à medida que a consciência do ego muda, no decorrer da história ontogenética e filogenética do homem; para a consciência do ego em evolução, o caráter relativo da imagem eterna se torna, em consequência, cada vez mais pronunciado. (NEUMANN, 1995, p.14)

As sociedades primitivas faziam uso dos sonhos como importante fonte de informações, sendo que sobre essa base elevaram-se antiquíssimas e poderosas culturas, como a hindu e a chinesa, que desenvolveram detalhadamente a via do conhecimento interior. Os sonhos são grandes mensageiros do inconsciente e se manifestam muitas vezes por meio de imagens arquetípicas. O homem moderno, principalmente o ocidental, apresenta certa dificuldade em fazer uso desse importante mecanismo, pois entende que o conhecimento provém do exterior. (JUNG, 1991, vol. VIII)

Entretanto, muitos já possuem a certeza de que o inconsciente traz em si importantes conteúdos arquetípicos que, se pudessem tornar-se conscientes contribuiriam, e muito, para a ampliação do conhecimento interno e externo e

consequentemente, para a evolução do indivíduo em seu processo de individuação. (JUNG, 1991, vol. VIII)

Compreendendo a importância da ampliação da consciência a partir dos conhecimentos e conteúdos vindos do inconsciente pessoal e coletivo, aceitei o direcionamento do meu Self que, por meio de um sonho, orientou-me a escrever sobre relacionamento amoroso. Por essa razão, proponho no presente trabalho uma reflexão sobre o relacionamento amoroso no processo de individuação, a partir dos símbolos evidenciados nesse sonho.

O sonho:

“Sonhei que eu vivenciava uma relação de Amor com um homem muito belo. Experimentávamos total sintonia, envolvia-nos muito afeto, nossa conexão era doce e forte, permeada pela plena sensação de estarmos entregues ao amor. De repente, ele me olhou profundamente nos olhos, por um longo tempo, e me mostrou um crucifixo com uma serpente enrolada no centro, de forma que a cauda da serpente criava um quinto elemento na cruz. Ele segurou a cauda da serpente e a quebrou, dizendo que aquilo representava a primeira etapa do processo. Uma mistura de medo e esperança tomou conta de mim. Medo de perder aquela conexão e esperança na existência das próximas etapas. Em seguida, surgiu uma mulher que eu sabia ser a escritora de Eros e Psiqué. Ela olhou-me nos olhos e disse que eu deveria escrever sobre relacionamento amoroso. Acordei.”

As ampliações dos principais símbolos do sonho conduziram-me ao conceito de individuação descrito por Jung, à mitologia cristã, a alguns preceitos alquímicos e à mitologia grega no mito de Eros e Psiqué. Pretendo então, através deste trabalho, correlacionar tais arquétipos com o relacionamento amoroso no processo de individuação.

Vale ressaltar que a ampliação desses símbolos dar-se-á no contexto arquetípico, sem considerar minhas questões individuais e meus conteúdos internos.

Neste trabalho o tema do relacionamento amoroso estará enfatizando o relacionamento de namoro ou de casamento. Entretanto, pode ser referido

também, a todos os relacionamentos que tragam em si a possibilidade de encontro consigo mesmo. Pois as relações de amor podem possibilitar o encontro com o Self, proporcionando evolução no processo de individuação.

Viver um relacionamento amoroso não é tarefa fácil, mas é na dificuldade do caminhar pelo solo do amor que nos deparamos com os maiores obstáculos e os mais importantes aprendizados da vida. Assim como, após as trilhas mais difíceis é que se encontra a natureza mais genuína, é através do caminhar corajoso, da entrega ao sacrifício da jornada que encontramos o mais belo sentimento, o Amor.

1. O PARAÍSO: A INDIFERENCIAÇÃO

De acordo com a orientação do sonho, esta reflexão inicia-se com a ampliação da imagem inicial do mesmo, isto é, aquele momento da total sintonia, do afeto, da conexão, da grande entrega e do encantamento entre dois seres humanos. Pode-se pensar neste momento do sonho, como correspondente ao estado simbólico de Adão e Eva no paraíso. Estado da união original, de *coniunctio* inferior, que se refere ao estado inicial da *opus* alquímica, no qual os opostos encontram-se indiferenciados, no caos ou massa confusa. (JUNG, 1991, vol. XII)

Em Gênesis, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e dele criou a mulher. E lhes disse: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (GÊNESIS, cap.2 versículos 16 e 17)

Segundo Edinger, Adão e Eva no paraíso representam o Si-mesmo, o estado da unicidade original, no qual o ego, a natureza e a divindade, representam uma única e mesma coisa. O paraíso representa o estado inicial e antecessor ao nascimento da consciência. (EDINGER, 1992)

No que tange ao relacionamento amoroso, podemos pensar que Adão e Eva no paraíso são a representação do estado inicial do relacionamento, no qual os indivíduos estão, de alguma forma, indiferenciados, encantados e vulneráveis à projeção do que pensam ser o outro, sem muitas condições conscientes de percebê-lo como ele realmente é.

Numa relação amorosa, essa etapa se refere ao estado de apaixonamento, este estado paradisíaco, no qual o outro se torna a expressão da salvação da nossa alma. Nesse estado, os indivíduos estão fusionados e dificilmente têm a noção psíquica de onde um termina e tão pouco de onde começa o outro. Nesse estado, parece que encontramos tudo o que vínhamos buscando até então. (JOHNSON, 1997)

Biologicamente, pode-se ver a comprovação desse fato em uma pesquisa realizada na Universidade Estadual de Nova York, na qual foi estudado um grupo de indivíduos apaixonados mediante exame de ressonância magnética. Foi

percebido que os indivíduos apaixonados, quando em contato com a imagem do ser amado, ativam as partes do sistema de recompensa do cérebro, as quais também geram os desejos. Aqueles pesquisadores relataram que: “o fato de a paixão estar relacionada a esse ‘sistema de recompensa’, indica que o que estamos habituados a chamar de ‘sentimento’ talvez seja, na verdade, um estado de ‘motivação’ para a busca de algo – comparável à fome, que nos leva a buscar e a consumir alimentos.” (LEAL; 2008)

Analisando o funcionamento biológico do ponto de vista psíquico, a paixão pode ser entendida como o momento no qual vemos o ser amado como a possibilidade de alimento para as nossas faltas interiores.

Nesse estado de paixão, os indivíduos estão presos na inconsciência. Segundo Jung, esse estado não pode ser visto como bom ou puro, pois traz em si uma excrescência pouco diversa de um animal, sendo que essa atitude prevaleceria se não ocorresse a distinção entre o bem e o mal. Pois sem a percepção da diferenciação não haveria consciência alguma nem de si mesmo e nem do outro. É o conhecimento dos opostos que liberta o ser. (JUNG, 2002, par.244)

Simbolicamente, se o propósito fosse conservar Adão e Eva no paraíso, Deus não haveria disponibilizado nem a árvore do conhecimento do bem e do mal e tão pouco a serpente. E, como em Genesis disse: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (cap.1 versículos 28), para isso foi necessário que Adão e Eva saíssem da unicidade original, se tornassem dois, para que a fecundidade ocorresse e a multiplicação fosse possível. Sendo assim, supõe-se que a Queda do Paraíso já estivesse nos planos, tanto para Adão e Eva, quanto arquetipicamente para toda a humanidade.

Dessa maneira, a permanência no paraíso estagnaria o processo de individuação, confinando o indivíduo no estado indiferenciado e urobórico, que começa e termina em si mesmo e que é representado simbolicamente pela serpente comendo o próprio rabo. Sem sair do paraíso, poderia ficar preso na paixão, na indiferenciação, na mistura, no incesto, no estado de *coniunctio inferior*.

Entretanto, como tudo tem o seu oposto, pode-se pensar que esse estado paradisíaco também é positivo, pois representa a primeira etapa da relação. Momento que pode promover o encontro, possibilitar a entrega e as projeções,

podendo ser neste estágio que o amor seja fecundado. Talvez sem o paraíso, não seria possível seguir em frente, retirar as projeções, confrontar a sombra e aceitar sua existência. Sem essa etapa, possivelmente, a princesa não conseguiria beijar o sapo, ou seja, não entraria em contato com o lado sombrio do seu amado e, sendo assim, talvez não fosse possível encontrar o verdadeiro príncipe, tanto fora quanto dentro si mesma.

A princesa foi referida aqui arquetipicamente como representante também do lado feminino do homem, sua *anima*, assim como o príncipe é também o representante da porção masculina na mulher, o *animus*. (SANFORD, 1986)

O estado de apaixonamento pode ocorrer em diversas intensidades, desde uma paixão arrebatadora até um simples “gostei dele (a)”, que introduz o indivíduo no paraíso, estado esse, que traz em si a possibilidade do encontro consigo mesmo, de autoconhecimento através da relação com o outro e que prepara os indivíduos para realmente conhecerem seus companheiros.

O relacionamento amoroso pode ser pensado como uma possibilidade da realização da *opus* alquímica e, conseqüentemente, a realização do que foi proposto pelo Sagrado. (JUNG, 2002, par.244)

A *opus* alquímica é uma obra de redenção na qual o indivíduo deve ser simultaneamente o que deve ser redimido e o redentor. Segundo Jung:

(...) Para o alquimista, não é o homem o primeiro a necessitar da redenção, e sim a divindade, perdida e adormecida na matéria. (...) Ele não visa sua salvação pela graça de Deus, mas a libertação de Deus das trevas da matéria. Ao realizar esta obra miraculosa, ele se beneficia secundariamente de seu efeito salutar. Ele pode abordar a obra como um ser necessitado de redenção, mas sabe que sua redenção depende do sucesso de sua obra, isto é, a libertação da alma divina por seu intermédio. (JUNG, 1991, vol. XII, par. 420)

Nessa primeira etapa do relacionamento, o indivíduo inicia sua redenção saindo da inconsciência do paraíso e, ampliando sua consciência, ele irá se deparar com o movimento psíquico de projeções. Todas as coisas a respeito de nós mesmos e das quais não temos consciência tendemos a projetá-las nos outros. Segundo Jung: “Da mesma forma que nos inclinamos a supor que o mundo é tal como o vemos, com igual ingenuidade supomos que os homens são tais como os figuramos.” (JUNG, 1991, vol. VIII. par. 507)

Sendo assim, pode-se supor que, para sair desse estágio de projeções, seria necessário que ocorresse a “Queda do Paraíso” a partir da intervenção da serpente.

Voltando ao sonho, ele apresentou a ela a serpente enroscada no centro da cruz e trouxe a indicação de ser ela a representante da primeira etapa do processo. É possível, então, pensar na serpente como representante, tanto do estado inicial e urobórico deste processo (serpente comendo a própria cauda), como da possibilidade de saída do mesmo. A serpente enrolada no centro da cruz representa de onde podemos partir em um relacionamento e para onde devemos sucessivas vezes retornar. “O que o centro traz é, evidentemente, o que existe no fim e existia no início”. (NEUMANN apud GOETHE, 1995. p.25)

Simbolicamente, a serpente sugere uma sucessão de imagens arquetípicas ligadas à noite fria, pegajosa e subterrânea das origens. É primordial, indizível e não cessa de desenroscar-se, desaparecer e renascer. Ela pode representar a vida em sua latência. Ela é o reservatório, o potencial em que se originam todas as manifestações. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p.814)

Sendo assim, a serpente pode representar a união primordial, o paraíso e o uno. Ela traz em si o veneno e a cura, ela encanta e enfeitiça, e também pode-se pensar que ela ativa arquetipicamente no indivíduo o processo de encontro consigo mesmo através do relacionamento amoroso, pois ela pode acordar a consciência e mostrar que o processo deve continuar.

É possível perceber esses mesmos símbolos na relação entre Eros e Psiqué. Eros, apaixonado por Psiqué, após ter se ferido com sua própria flecha, ordenou ao vento Zéfiro que transportasse Psiqué para um vale macio e florido. Após descansar de tantas emoções, a jovem princesa se ergueu e viu, cercado por um bosque, o palácio de seus sonhos, com colunas de ouro servindo de suporte ao teto de cedro e marfim; as paredes recamadas de baixos relevos de prata; o pavimento, confeccionado de mosaicos de pedras preciosas; os imensos salões tinham as paredes de ouro maciço. Deslumbrada com tanta beleza, Psiqué penetrou no palácio e, a partir de então, foi servida por uma multidão de Vozes, que lhe atendiam até mesmo os desejos não formulados. Vê-se aqui novamente o paraíso. (BRANDÃO, 2003)

Naquela mesma noite, Eros, sem se deixar ver, fez de Psiqué sua mulher; mas antes do nascer do sol, ele desapareceu rápida e misteriosamente. A cena

se repetia todas as noites, e a princesa acabou por habituar-se à sua nova existência. (BRANDÃO, 2003)

É possível ver aqui também o paraíso inconsciente de Psiqué representando o momento inicial do relacionamento; Psiqué era proibida de ver Eros e este apenas vinha encontrá-la sob a escuridão da noite. Demonstra-se, desta forma, a convivência submetida à indiferenciação, momento da *coniunctio* inferior, no qual ambos estão presos na inconsciência e na projeção do que acham ser o outro.

Aqui a serpente também tem papel fundamental, pois suas irmãs, após algumas visitas e envenenadas pelo fel da inveja, lembraram-na do Oráculo de Apolo: O rei, após casar suas duas filhas, mandou consultar o Oráculo a respeito da caçula Psiqué. A resposta havia sido direta e terrível: a jovem coberta com uma indumentária fúnebre deveria ser conduzida ao alto de um rochedo, onde um monstro horrível com ela se uniria. (BRANDÃO, 2003)

Baseadas nisso, Ihe disseram que quem se deitava com ela todas as noites não era um homem, mas sim uma serpente enroscada em mil anéis, com a boca larga como um abismo, e que o réptil aguardava apenas o momento oportuno para devorá-la. As irmãs a aconselharam a acender um candeeiro de luz e matá-lo com um punhal afiado. (op. cit., 2003)

Psiqué esperou o marido adormecer e seguiu a orientação das irmãs; mas, para sua surpresa, viu a mais bela de todas as faces. Eros, o deus do amor, ali estava diante de seus olhos. A jovem empalideceu e tremeu, deixando cair sobre os ombros do deus adormecido uma gota de óleo quente do candeeiro. Sendo assim, Eros partiu voando, pois um deus não pode ser visto por um mortal. Psiqué segurou sua perna, mas, exausta, ela caiu de volta à terra. (op. cit., 2003)

Percebe-se aqui que o medo da serpente conduziu Psiqué à saída da inconsciência. Saída essa, necessária para todo o relacionamento amoroso.

Tal qual descrita no sonho, a serpente indica a primeira etapa do processo que precisa ser transposta, quebrada, para que a regeneração ocorra no surgimento da consciência, no contato com a Cruz dos opostos.

2. A CRUZ: CONSCIÊNCIA DO BEM E DO MAL

Neste momento do processo, os indivíduos iniciam a queda do paraíso, com o surgimento da consciência do bem e do mal. Simbolicamente através da intervenção da serpente, o lado avesso do parceiro se apresenta, e o indivíduo contata com a cruz dos opostos, que deve ser por ele carregada pelo caminho do relacionamento amoroso.

As dificuldades nas relações, os desarranjos, os conflitos e as dúvidas podem representar o veneno e a cura da serpente, sendo o desequilíbrio necessário para a saída da inconsciência.

Nesse sentido, a serpente: “Senhora da força vital, não simboliza mais a fecundidade, mas a luxúria; tendo seduzido o pudor virginal de Eva, inspirou-lhe o desejo do coito bestial e de toda a imprudência e de toda a prostituição dos homens”. A serpente fez Eva acreditar que a árvore da morte era a árvore da vida, levando Adão e Eva a violarem as regras de Deus e, conseqüentemente, à expulsão do paraíso. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p.824)

Sair do paraíso pode significar seguir para as próximas etapas do relacionamento. Retornando ao sonho, significa ir para a Cruz que, segundo Jung, “é o símbolo cristão da totalidade, pois, sendo ela um instrumento de martírio, exprime a paixão do Deus que se tornou homem na terra, e, sendo uma quaternidade, exprime o universo, que inclui o mundo material.” (JUNG, 1997, par. 119)

Para Jung:

Os fatores que se unem na *coniunctio* são concebidos como opostos, que ou se opõem como inimigos ou se atraem amorosamente um ao outro (...). Muitas vezes a oposição é disposta como um quatérnio, isto é, como dois opostos que se opõem em linhas cruzadas; tais como, por ex., os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) ou as quatro propriedades (seco, molhado, quente e frio) ou os quatro pontos cardeais ou as estações do ano; daí provém que a cruz é o símbolo dos quatro elementos, e deste modo também o símbolo da criação. (JUNG, 1997, par. 1)

Como a cruz representa a união dos opostos, pode-se pensar que ela traz em si a possibilidade da diferenciação, tanto no relacionamento consigo mesmo, quanto com o outro.

Na alquimia, o esforço de unir os opostos encontra seu ponto culminante no 'casamento alquímico', sendo esse o ato supremo a coroar a obra. Segundo Jung, "Depois de superada a inimizade dos quatro elementos, ainda existe a última e sempre mais forte oposição, que os alquimistas não podiam exprimir mais acertadamente do que pelo relacionamento recíproco do masculino e do feminino." É a força a separar as partes a principal circunstância a propiciar que a força da paixão e do amor una os polos separados. (JUNG, 1997, par. 101)

Pode-se entender a cruz como a representante da etapa do relacionamento que apresenta a necessidade psíquica de evolução através da integração dos opostos. Compreendendo que os opostos de cada um representam cada reta da cruz, unidos na intersecção, o local onde a relação acontece. Podendo, como disse Jung acima, estar em relação harmônica de atração ou em desarmonia e repulsa.

A relação entre os opostos se apresentou desde sempre à humanidade por meio de símbolos. No Antigo Testamento está descrito que Deus introduziu essa questão desde a criação do universo. No Gênesis, podemos ver que: "No principio Deus criou os céus e a terra (...) Disse Deus: Haja luz e houve luz. E viu Deus que a luz era boa, e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz dia, e às trevas, noite." (GÊNESIS, cap.1- versículos 1,3,4 e 5)

Nessa descrição simbólica, Deus seguiu a criação com os animais em pares, enfatizando: "Sede fecundos e multiplicai-vos" (GÊNESIS, cap.1 - versículo 22). Criou também os opostos, homem e mulher, e do solo fez nascer a árvore do conhecimento do bem e do mal.

Através da mitologia cristã, pode-se pensar que, simbolicamente, desde o início da criação, Deus manifestou o ensinamento da importância dos opostos, demonstrando que cada polaridade deve ter seu lugar bem estabelecido como parte de um todo maior, bem como a necessidade da relação fecunda entre elas.

Entretanto, em determinados momentos do processo, essa relação entre os opostos não ocorre calmamente, em virtude do mecanismo de projeção, através do qual, identificamos, nos outros, conteúdos da nossa própria psique, tendo a certeza de que não é nada nosso e, posteriormente, tendo que admitir e

recolher tais conteúdos projetados. Trata-se dos momentos de discórdias e conflitos, um típico duelo entre opostos.

Parece óbvio que tudo tem o seu oposto; entretanto, quando se está atuando num relacionamento amoroso a consciência disso não é nada fácil. Frequentemente cobra-se falta de atenção do outro, sem ver que o oposto disso pode ser a falta de atenção consigo mesmo. No oposto da falta projetada está à disposição a atenção tão desejada, apenas esperando o auto-olhar para realizar-se em si mesmo, sem deixar o outro como responsável por saciar as nossas faltas internas, pela nossa vida e pelo nosso bem estar. Segundo Chico Xavier, o indivíduo cobra do outro aquilo que não consegue dar a si mesmo. (XAVIER, 1974, Programa Pinga Fogo)

Sanford citou que:

(...) desde que o fenômeno de projeção, seja reconhecido, essas imagens projetadas podem, até certo ponto, ser recolocadas dentro de nós, pois podemos usar projeções como espelhos em que vemos o reflexo de nossos próprios conteúdos psíquicos. Quando descobrimos que a imagem da *anima* ou do *animus* se projetou num homem ou numa mulher, torna-se possível para nós vermos, como que em reflexo, conteúdos de nossa própria psique que, do contrário, poderiam passar despercebidos para nós. A capacidade de reconhecer e utilizar projeções é particularmente importante para o autoconhecimento (...), embora tais fatores psíquicos nunca possam tornar-se a tal ponto conscientes que deixem de se projetar. (SANFORD, 1986, p.19)

Vale ressaltar, também, que a consciência, provavelmente, não atinge a completude com uma expulsão do Paraíso. Precisa-se ser muitas vezes expulso, e muitas vezes retornar, pois a consciência pode adormecer e acordar sucessivas vezes numa relação, tratando-se de uma obra evolutiva para toda a vida.

Pode ser que a expulsão do Paraíso venha a ocorrer nas mais diversas fases de um relacionamento, não tendo tempo pré-determinado; ocorre sempre que se entra em contato com a cruz, ou seja, com conteúdos opostos aos reconhecidos pela consciência e até então desconhecidos na relação, ou com conteúdos ainda não integrados.

Quando entendemos e aceitamos a expulsão do Paraíso, podemos utilizar as projeções como espelhos refletores do nosso funcionamento interno. Pois, na relação amorosa, o outro representa o espelho ideal que reflete disfarçadamente

a nossa própria imagem não consciente, nossos anseios, nossas necessidades e nossas faltas interiores. Olhar nesse espelho pode gerar a consciência de quem realmente somos. Sendo somente a partir do reconhecimento do que somos como ser humano, no que é bom e no que é ruim, que podemos aceitar o outro em sua inteireza, e prosseguir na relação com maior equilíbrio. (JOHNSON, 1997)

Após a Queda do Paraíso, pode vir a discriminação, podemos nos tornar “um” em nós mesmos e descobriremos que o que nos falta só poderá ser preenchido por nós; podemos supor que se trata simbolicamente de fazer uso do poder regenerador da serpente. Significa aceitar a responsabilidade pela nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que isso venha do outro.

Quando o relacionamento amoroso encontra-se em contato com a cruz dos opostos, contata-se com a dialética psíquica. Pois, para o funcionamento adequado da psique, é necessário que a libido possa fluir em equilíbrio frente aos opostos. A libido precisa se mover tanto em direção ao eu, ao amor próprio, à relação consigo mesmo, quanto em direção ao objeto de amor, o outro, o amor ao próximo, ao relacionamento. A libido direcionada a um único fim paralisa o ser, como Narciso, amor só a si mesmo; ou como Eco, amor só pelo outro.

É importante perceber que cada reta da cruz é maior do que sua intersecção, podendo indicar que, em proporção, temos que cuidar muito mais do nosso processo de individuação, do equilíbrio entre nossos opostos para que, conseqüentemente, a intersecção, ou seja, o relacionamento possa ocorrer através da atração amorosa, e não através da repulsa.

A consciência e o sacrifício de transformar o nosso mundo interno são os principais recursos para que o relacionamento amoroso seja satisfatório. Salienta-se esse aspecto porque, em geral, as pessoas estão tão focadas e exigentes em suas relações que esquecem que o caminho para o seu bem estar encontra-se em seu interior.

Muitas pessoas esperam que sua felicidade venha de fora, muitas delas passam a vida almejando conquistas que as farão felizes, depositam sua felicidade e bem estar no outro, e assim, aprisionam a libido em um dos lados na cruz, se crucificam na unilateralidade. Esquecem ou não sabem que é primordial para a evolução que seu Eu seja incluído no processo. Desconhecem que suas oscilações advêm dessa crucificação, e só conseguem ficar bem na ausência de

contrariedades, quando tudo está de acordo com o esperado, ou seja, praticamente nunca.

E assim, geralmente, buscam encontrar a relação perfeita, esperançosos de que encontrarão aquele alguém que lhe fará feliz, que lhes proporcionará a vivência do ideal. Uma experiência de conto de fadas, repleta de soluções mágicas para suas necessidades.

Entretanto, somente quando o ego aceita o sacrifício dessa necessidade, o positivo do que é real pode se manifestar. Sendo assim, pode-se pensar que as dificuldades em lidar com as problemáticas das relações podem demonstrar a dificuldade do sacrifício desse ideal em prol da vivência real, bem como a dificuldade de se responsabilizar pelo seu processo, pelos seus atos, pela plantação e pela colheita de sua própria vida.

O encontro consigo mesmo e com o outro possibilita ao indivíduo reconhecer sua capacidade de auto-nutrição, deixando de buscar viver fora o que precisa ser vivido em seu processo consigo mesmo. Pois parece que apenas após reconhecer a importância dessa vivência interior e realizá-la, é que o amor fica livre para ser vivido com o outro e a entrega ao amor começa a ocorrer.

3. A CRUCIFICAÇÃO: A MANIFESTAÇÃO DOS COMPLEXOS

O indivíduo está norteado de uma complexidade externa e interna que dificulta e, muitas vezes, o impede de realizar o seu processo de individuação, bem como a manutenção e consolidação dos seus relacionamentos amorosos.

Em maiores ou menores escalas, as pessoas, são reféns do sistema sócio-econômico-cultural e o relacionamento amoroso está, também, submetido a isso. As pessoas passam em média 16 anos na escola e pouco aprendem sobre como se relacionarem consigo mesmas e com os outros. Entretanto, a relação é inerente à existência humana.

Pouco nos explicam sobre os nossos sentimentos, sobre os nossos sofrimentos internos, e tampouco nos dizem o que fazer com eles. Na sociedade capitalista em que vivemos, somos desde cedo testados e estimulados à competição, partindo das notas na escola, às roupas que usamos, sendo pouco avaliado pelo que somos e muito pelo que possuímos. Ensinam-nos a seguir o caminho do desenvolvimento.

Entretanto, como o prefixo (des) se refere à separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação e privação, e a palavra desenvolvimento significa ato ou efeito de desenvolver-se; adiantamento; crescimento; aumento; progresso, (FERREIRA, 2004) a sociedade atual conduz o indivíduo ao “desenvolver”, ou seja, ao “não envolvimento”.

Não entendo que o desenvolvimento seja negativo em sua essência, mas em sua finalidade, pois o desenvolvimento proposto pela sociedade à qual pertencemos, não se refere às necessidades globais de sua população, ao desenvolvimento emocional, ao desenvolvimento do bem estar e da saúde das pessoas ou ao desenvolvimento da natureza.

O desenvolvimento proposto valoriza o grande, o crescimento econômico, o ter, o avanço da tecnologia que vem deixando os produtos novos cada vez mais precocemente ultrapassados, tornando quase tudo descartável, e educando sua população a não se apegar a nada, mostrando que tudo é substituível. Somos educados a não nos envolver, lembrando que envolver significa abranger, abarcar, cativar, comprometer, relacionar-se. (FERREIRA, 2004)

Esse desenvolvimento ao qual me refiro nos afasta da nossa natureza genuína e nos conduzem a procurar a satisfação das nossas necessidades individuais nos elementos externos; entretanto, essas satisfações são efêmeras e descartáveis, como quase tudo à nossa volta. O indivíduo separado e privado do envolvimento torna-se a cada dia mais insatisfeito e com menos condição de se relacionar saudavelmente consigo mesmo e com a vida que o cerca.

E assim iniciamos o relacionamento amoroso submetido ao contexto em que vivemos, com insatisfações tamanhas, desejos grandiosos, com o mapa do tesouro em punho e com o ensinamento social indicando que encontraremos nosso ouro, nossa felicidade e nossa satisfação no mundo externo. Procuramos sem parar e dificilmente perdemos a fé, mas muito nos frustramos, pois o ouro que encontramos fora de nós é o ouro de tolo, pois o verdadeiro ouro se encontra enterrado nas profundezas de nós mesmos e só pode ser encontrado quando nos envolvemos nesta busca.

Como vivemos numa sociedade de aparências, de acúmulo e de excessos; um sistema competitivo no qual pulsa o Poder, vivemos com o amor submetido, muitas vezes, aos calabouços das nossas sombras individuais e coletivas. Segundo Jung, “Onde impera o amor, não existe vontade de poder; e onde o poder tem precedência, aí falta o amor. Um é a sombra do outro.” (JUNG, 1991. vol. VII, par. 78)

Estamos num momento psicossocial no qual impera o reinado da energia masculina. No estágio anterior, isso se dava devido ao patriarcado e, nos tempos atuais, ao feminino animoso que ocupa quase todos os setores. Parece que o lado feminino do homem e da mulher encontram-se, um tanto quanto sem espaço para existirem, submetidos à competição pelo poder. E assim o amor e o feminino encontram-se à margem de nós mesmos e precisam ser resgatados.

Alguns casais encontram-se em estado fusional, estão presos no paraíso da indiferenciação e vivem se nutrindo mutuamente com a problemática da relação. Outros vivem numa disparidade tão grande de evolução que, à medida em que vão caminhando pela vida, vão se distanciando um do outro, na maioria das vezes sem que possam notar; e quando percebem, em muitos casos, já estão distantes demais para um resgate. Outros ainda não se submetem ao sacrifício e vivem embriagados na busca pelo ideal, ou vivem submetidos a um jogo masculino de disputa pelo poder.

Percebe-se, então, que nem todo o processo ocorre satisfatoriamente, que tanto o homem quanto a mulher, ou ambos, podem não conseguir realizar a diferenciação. Possivelmente por estarem presos na cruz pela retroalimentação dos complexos coletivos e individuais.

Quando o outro é visto como a salvação das faltas internas e ocorre a queda do paraíso, ou seja, a consciência do bem e do mal, o parceiro pode também ocupar o lugar de culpado pelas frustrações suscitadas no processo.

Sendo assim, o relacionamento amoroso também está submetido à atuação das forças internas de cada um que se acionam na relação com o outro, o que muitas vezes determina o comportamento do indivíduo e pode dificultar muito a realização do caminho do Self, inviabilizando momentânea ou prolongadamente a evolução no processo de individuação, bem como a evolução do relacionamento amoroso.

Os indivíduos, em sua grande maioria, vivem inconscientes de seu funcionamento psíquico e do funcionamento das relações que estabelece com seus parceiros; inconsciência essa, segundo Jung, geralmente determinada pelo temor secreto de qualquer confronto com os perigos da alma. (JUNG, 1988, par. 23)

Entretanto, apesar do temor, o indivíduo está o tempo todo vulnerável ao seu mundo interno. Basta parar para observar, e verá o quanto o seu funcionamento psíquico se revela dia a dia, através dos seus atos, dos seus sentimentos e dos seus pensamentos; verá o quanto sua vida interior está o tempo todo se manifestando em suas ações frente ao mundo, praticamente implorando para ser vista, num sistemático convite a sair da inconsciência e a compreender o sentido da sua existência.

Enquanto sozinho, o indivíduo está menos submetido a esse convite, pois as forças internas praticamente não se manifestam em suas ações pessoais; mas como a maioria das pessoas não consegue ficar sozinha por muito tempo, assim que uma relação se estabelece, seja ela de qualquer ordem ou em qualquer formato, o funcionamento interno é acionado, e essa questão muda de figura. Basta, por exemplo, um telefonema ou um não telefonema esperado para que os complexos psíquicos entrem em ação, para que o indivíduo seja tomado por sentimentos de alegria excessiva ou por grandes frustrações, desencadeando

uma sucessão de pensamentos em cadeia que podem levá-lo “às nuvens” ou “a escuridões arrebatadoras”.

Nos relacionamentos amorosos, nossas forças internas se acionam numa turba desordenada, desencadeando os dinamismos profundos da psique, trazendo à tona as feras e demônios que dormem nas profundezas de nosso ser. (JUNG, 1988, par. 23)

Jung definiu essas forças internas que se acionam na relação com o outro e muitas vezes determinam o comportamento do indivíduo como “complexos”.

Segundo ele:

Os complexos são fragmentos psíquicos cuja divisão se deve a influências traumáticas ou a tendências incompatíveis (...); eles interferem na intenção da vontade e perturbam o desempenho da consciência (...); aparecem e desaparecem, de acordo com as próprias leis; obsediam temporariamente a consciência ou influenciam a fala e a ação de maneira inconsciente. Em resumo, se comportam como organismos independentes. (JUNG, 1991, vol. VIII, par. 253)

Os complexos fazem o apaixonado errar sua especialidade na cozinha bem no dia de apresentar seus dotes culinários à nova pretendente. Põe em nossos lábios o contrário do que gostaríamos de dizer ou nos faz gaguejar bem no momento de fazer um elogio. Faz-nos cobrar do mundo aquilo que deveríamos dar a nós mesmos e apontar o ruim do outro para que sintam a nossa dor. Conduzem-nos a procurar nos cenários da nossa vida pontos que nos façam sentir o desamor e o abandono. Faz-nos olhar para os pontos negativos e nos convidam a uma cegueira ao positivo que nos cerca.

Em virtude de sua autonomia, os complexos, muitas vezes, conduzem o comportamento e acionam no indivíduo atitudes que ele próprio não reconhece como suas. E, quanto mais inconsciente o indivíduo está de si mesmo, maior se torna a força e a liberdade dos complexos. E, além disso, estar inconsciente dos complexos ajuda os mesmos a se apossarem do eu, gerando, segundo Jung, “uma modificação momentânea e inconsciente da personalidade, chamada identificação com o complexo.” (JUNG, 1991, vol. VIII, par 204)

Quando o indivíduo encontra-se identificado pelo complexo, o relacionamento amoroso entra em estado de tensão e desarmonia, neste estado ouvimos frases do tipo: “Está com o diabo no corpo”; “O que deu nela hoje?”;

“Fiquei fora de mim”; “Parecia que não era eu”. Em tais situações, o indivíduo identificado com o complexo expõe ao relacionamento porções de seu funcionamento das quais muitas vezes se envergonha.

Devido à exposição causada pelos complexos e ao incômodo que geram, os indivíduos, geralmente, tentam ocultá-los em suas relações afetivas e gostariam de eliminá-los. Entretanto, por serem dolorosos e geralmente causarem sofrimento, trazem, por si só, uma importância em si mesmos. (JUNG, 1991, vol. VIII, par. 207)

A compreensão da dor que os complexos geram, torna-se adubo para a nossa evolução. A homeopatia reintera essa questão com a frase: o que te fere é o que te cura. No veneno da serpente, também se encontra seu antídoto.

Segundo Jung: “É dos complexos que depende o bem-estar ou a infelicidade de nossa vida pessoal (...) os complexos não são totalmente de natureza mórbida, mas manifestações vitais da própria psique.” (op. cit., 1991, vol. VIII, par. 209)

Somente a partir da consciência do complexo é que se estabelece uma relação entre a consciência e o padrão arquetípico apresentado pelo complexo, através da qual o arquétipo pode falar e conseqüentemente mostrar o caminho que o Self está indicando ao indivíduo para evoluir em seu processo de individuação, bem como em sua vida amorosa. (SHARP, 1997)

Observa-se, então, que a consciência dos complexos pode conduzir o indivíduo à sua essência arquetípica que, por sua vez, é movida pelo arquétipo central do Self, ou seja, pela imagem divina. Vemos, com isso, que temos o tempo todo disponível o veículo que pode conduzir à evolução.

À medida que o indivíduo passa a compreender seu funcionamento interior ampliando sua consciência, ele poderá estar mais próximo da voz do Self e a compreender e a se envolver com o sentido de sua existência, bem como passar a perceber em qual etapa está e o que precisa ser feito para continuar a evoluir em seu processo de individuação. Percebe, também, o que está ao seu alcance para contribuir com a construção e amadurecimento de seu relacionamento amoroso.

Entretanto, se os indivíduos não forem capazes de alcançar esta consciência, pode-se supor que, no momento em que saem do paraíso das projeções positivas e entram em contato com o conhecimento do bem e do mal,

podem também correr o risco de ver o outro como o único responsável pela queda. Nesse momento, a projeção negativa pode ocorrer, e o mal pode passar a ser visto somente no outro, e o outro que outrora representava a salvação das necessidades internas e externas, pode agora ficar como o responsável pelas insatisfações.

Isso sugere que, se o indivíduo não se apropria do que é seu, pode ficar preso ao bem ou ao mal, ao invés de se movimentar entre esses opostos, como possibilidade de ampliação do conhecimento de si mesmo.

Enquanto os indivíduos não estiverem conscientes desses elementos psíquicos e não forem capazes de realizar a diferenciação, poderão estar aprisionados na cruz, crucificados, paralisados numa encruzilhada neurótica, na qual um responsabiliza o outro pelas problemáticas e frustrações diárias da relação, fortalecendo os conflitos e impedindo que a evolução do relacionamento ocorra.

Entretanto, devido ao fato de que na raiz inconsciente dos complexos está o caráter arquetípico com todo seu potencial transformador, encontra-se no símbolo da Cruz e do crucificado, o arquétipo da diferenciação que, a partir da ampliação da consciência, liberta o indivíduo para continuar a viver as etapas da relação. É a consciência que livra o indivíduo da paralisação do processo.

É possível ver a ação do complexo também em Cristo que, nos momentos finais de seu sacrifício, sente-se abandonado pelo pai, questionando: “Pai, porque me abandonastes?” Morreu pouco depois e desceu por três dias ao mundo dos mortos. Está descida pode ser a geradora da consciência necessária para a compreensão de que apenas depois de descer às profundezas de si mesmo torna-se possível ressuscitar, subir aos céus e atingir a imortalidade.

Para que seja possível extrair do complexo seu potencial proveitoso, esse precisa se tornar consciente, pois, enquanto os complexos estão habitando o inconsciente não apresentam qualquer possibilidade de transformação. No inconsciente, eles se enriquecem com associações e assumem seu caráter mitológico e arcaico. Somente na medida em que se torna consciente, o complexo pode ser corrigido e transformado substancialmente, perdendo, assim, seu automatismo. Dessa forma, os complexos despojam-se de seu invólucro mitológico e instintivo e personalizam-se, assumindo um processo adaptativo

consciente. Estabelecem, com isso, uma relação dialética entre a consciência e o inconsciente. (JUNG, 1991, vol. VIII)

A partir dessa relação, a consciência do eu se amplia através da compreensão do funcionamento interior, torna-se cercada de diversas luminosidades, entre elas as luminosidades emitidas pelos arquétipos. Luminosidades essas vindas do interior inconsciente da psique e direcionadas pelo arquétipo central, o Self. Segundo Jung, essas luminosidades já haviam sido pressentidas por diversos alquimistas. Ele falou metaforicamente sobre esta questão, referindo que:

“A substância arcana (‘a terra aquática ou água terrestre [lama] da essência universal’) é universalmente animada pela ‘centelha ígnea da alma do mundo’ (...) Na água da arte, em ‘nossa água’, que é também o caos, encontra-se a ‘centelha ígnea da alma do mundo como puras formas essenciais das coisas’ (...) o que nos permite comparar as *scintillae* com os arquétipos (...). Dessa visão alquímica; seria preciso concluir que os arquétipos têm em si um certo brilho ou certa semelhança com a consciência e que, por conseguinte, uma certa *luminositas* está vinculada à *numinositas*.” (JUNG, 1991, vol. VIII par. 388)

É possível entender essa terra aquática, ou essa lama, ou ainda o caos como representações do estado de identificação com o complexo; estado no qual o indivíduo encontra-se sem condições de sair “limpo” dessa invasão. Geralmente, ou deixa a si mesmo ou ao outro, simbolicamente, sujo de lama, devido às dores sentidas, às frustrações, às discussões ou às ofensas.

A identificação com o complexo gera uma desordem nas arrumações do eu e provoca um caos momentâneo. Entretanto, traz em si a *scintillae*, a luz que pode mostrar a pura forma essencial das coisas, sendo que esta luz está diretamente ligada ao *numem* (numinoso), à porção sagrada da psique, o Self. Apresenta, dessa forma, um caminho a ser seguido pelo indivíduo em sua jornada evolutiva.

O alquimista Dorn falou das centelhas, apresentando seu caráter psicológico. Jung citou sua fala: “Esta luz é o *lumen naturae* [luz da natureza] que ilumina a consciência, e as *scintilliae* são luminosidades germinais que brilham de dentro da escuridão do inconsciente.” (JUNG apud. DORN, 1991, vol. VIII par. 389)

Segundo Jung, Dorn falou dessa luz inata no indivíduo que provém do Sagrado, também, através das seguintes palavras:

Porque a vida que é a luz do homem brilha obscuramente em nós, sem, contudo, provir de nós, mas daquele ao qual pertence e que se dignou construir sua habitação em nós... Ele implantou sua luz em nós, a fim de que pudéssemos contemplar a luz na luz daquele que habita a luz inacessível. E por sermos formados à sua semelhança, ou seja, por nos ter dado uma centelha de sua luz é que somos superiores a todas as criaturas. Essa verdade, portanto, não deve ser procurada em nós, mas na imagem de Deus que está em nós. (JUNG, 1991 vol.VIII par. 389, rodapé 68)

Percebe-se com isso que, por um lado, temos a manifestação dos complexos invadindo a consciência e o relacionamento amoroso; e; por outro, na raiz inconsciente dos complexos temos o caráter arquetípico, com todo seu potencial transformador e gerador de evolução ao indivíduo. Percebe-se também que, somente a partir da consciência do complexo é que se estabelece uma relação entre a consciência e o padrão arquetípico apresentado pelo complexo, através da qual o arquétipo pode falar e, conseqüentemente, mostrar o caminho que o Self está indicando ao indivíduo para evoluir em seu processo de individuação. (SHARP,1997)

O caminho evolutivo a ser percorrido pelo indivíduo já está predeterminado dentro de cada um, e partir do reconhecimento de como se está acontecendo a si mesmo, de como os complexos estão atuando no mundo, encontra-se uma das formas de entender qual é o sentido de sua caminhada terrena.

Observa-se, então, que, a partir da consciência dos complexos, começam a ficar claros os desafios que o indivíduo deve percorrer em sua existência, a partir da dissociação psíquica expressa pelos complexos, visando à sua reintegração.

4. O SACRIFÍCIO: O ESFORÇO DE TORNAR SAGRADO

Para que o processo do relacionamento amoroso ocorra evolutivamente, é necessário que, a partir do surgimento da consciência do bem e do mal, e da consciência dos complexos, os indivíduos possam se entregar ao sacrifício da convivência consciente consigo mesmos e com o outro.

Como foi dito anteriormente, os indivíduos que iniciam um relacionamento amoroso supõem que se trata de um encontro ideal, caráter esse que precisa ser sacrificado, para que seu real valor possa surgir e o verdadeiro aspecto sagrado possa se constituir.

Segundo a alquimia, não basta que a pedra alquímica ou pedra filosofal seja dura como um diamante, “não é suficiente brilhar no escuro, não é suficiente que seja a mais luminosa e poderosa apresentação da iluminação, segura em si mesma; não é suficiente que domine as confusões. A pedra filosofal também precisa ser vulnerável. Se não, essa qualidade adamantina da alma será venenosa”. (HILLMAN, 2011, p. 359)

Segundo esses preceitos alquímicos, pode-se entender o amor como a representação da pedra filosofal onde o brilho do ideal em estado paradisíaco não é suficiente para que se perpetue um relacionamento saudável, pois o aprisionamento na luz torna venenoso o amor, sendo necessária para a evolução da relação, a vulnerabilidade, ou seja, que seu lado obscuro também seja integrado.

Sendo assim, para que o processo amoroso siga seu curso evolutivo é necessário que os amantes se entreguem ao sacrifício da integração dos opostos; da consciência do bem e do mal e da convivência com o lado obscuro da alma; ao sacrifício da retirada de projeções, admitindo suas responsabilidades e seus erros na convivência amorosa; ao sacrifício de suportar as próprias limitações e as limitações do outro; ao sacrifício da integração dos complexos; e a tantos outros sacrifícios peculiares a cada relacionamento.

Todo sacrifício gera dor e sofrimento, e esses devem ser entendidos como elementos essenciais para o processo evolutivo, bem como para o relacionamento amoroso. Segundo Hillman: “A dor não é anterior à meta, como

crucificação antes da ressurreição, mas dor e ouro são coincidentes, codependentes, correlativos. A pérola é também sempre arenito, uma irritação tanto quanto um lustro, a douração é também um envenenamento.” (HILLMAN, 2011, p. 365)

Podemos perceber esse fato em momentos em que estamos muito felizes e sentimos uma frustração vinda de não sabermos onde; ou no momento em que se está recebendo um elogio e surge do nada um sentimento de inadequação; outrora ainda, sentimos um prazer no meio de uma dor ou uma dor no meio do prazer; Podemos pensar nisso, como o que foi citado acima: “a pérola é sempre arenito...”. (op. cit. 2011, p. 365)

A cada pulsar de vida a morte já está ocorrendo; e, quando a morte se constela, aí também se encontra o potencial de uma nova vida. Cada aspecto de nossa existência traz em si seu oposto, formando uma totalidade. Sendo assim: é a vulnerabilidade que confere valor ao ouro, e é o sacrifício que confere valor ao amor.

Voltando aos arquétipos cristãos, pode-se pensar no símbolo da queda do paraíso como meio de conduzir o ser humano ao sacrifício do encontro consigo mesmo, sendo que sem esta vivência, o ser humano não poderia usufruir verdadeiramente daquele espaço sagrado e não estaria apto a viver em equilíbrio.

Entretanto, diante da incapacidade humana de realização desse processo e da necessidade energética de equilíbrio, Deus nos enviou Cristo, como ensinamento vivo e simbólico da necessidade da realização de Si mesmo através da entrega ao sacrifício. Assim, suas vivências e sua revelação arquetípica nos mostram infinitas lições a respeito da vida e de como devemos conduzi-la evolutivamente. Sua Força e seus ensinamentos são tão importantes para nós, que sua vinda a este mundo, nada mais, nada menos, dividiu a contagem do tempo em antes dele e depois dele.

Com seu exemplo, Cristo nos mostrou que devemos nos entregar ao nosso sacrifício. Na relação amorosa ocorre tanto no processo de individuação de cada um, quanto no acompanhar o sacrifício do outro.

Quando os indivíduos aceitam que nem tudo “são flores”, quando aceitam os problemas que invadem sua relação e os complexos individuais que se acionam desenfreadamente; quando aceitam que o outro não é o que ele gostaria que fosse e não resolve as coisas como ele gostaria, mas que, mesmo assim, o

amor e a força da luta se fazem presentes, investindo na relação, aí os indivíduos aceitaram o sacrifício.

Nessa fase, o indivíduo tem a possibilidade de recolher seus próprios conteúdos projetados no outro, de ter consciência de que os aspectos que o incomodam no parceiro, na verdade, referem-se a uma porção inconsciente de si mesmo e também de aceitar o confronto com o lado obscuro e frágil de sua própria alma.

Segundo Jung:

Para ser curado, o conflito projetado deve voltar à psique do indivíduo, onde teve seu princípio inconsciente. Ele deve celebrar uma Última Ceia consigo mesmo, comer sua própria carne e beber seu próprio sangue; isso significa que ele deve reconhecer e aceitar o outro que há em si mesmo. Será esse, talvez, o sentido do ensinamento de Cristo, de que cada um deve carregar sua própria cruz? Pois se tivermos de suportar a nós mesmos, como seremos capazes de lacerar os outros? (JUNG, 1997, par. 512)

A retirada de uma projeção é um momento extremamente delicado para o indivíduo e, muitas vezes, também para o seu parceiro, pois o indivíduo está se tornando consciente de aspectos de si mesmo que, até então, entendia pertencerem ao outro. Geralmente, o aspecto a ser recolhido se escancara diante de seus olhos. Trata-se de um período tão difícil e dolorido que o indivíduo é tomado pela sensação de que o chão se abriu sob seus pés e de despencar numa descida aos confins de sua alma.

Nesse momento se instala uma crise pessoal com sentimentos de indignação consigo mesmo. O indivíduo vive um conflito de aceitação, por não ter como negar o que viu a respeito de si, e uma sensação de repulsa por ter criticado esse aspecto tantas vezes no seu parceiro. Esse sacrifício e essa dor se perpetuam até que o conteúdo em questão encontre um lugar consciente para se reposicionar no Eu e nele existir.

Nessa fase, ocorre um descortinar de quem se é, e o indivíduo pode até tentar continuar a projeção, mas depois de estar descendo as profundezas do seu ser, isso não é mais possível. Os complexos gritam dando ideias do tipo: “olha só, ele não está dando a mínima para você”, mas a consciência se pronuncia e grita mais alto: “Você é que não dá a mínima para si mesmo.” E, assim, a escuridão se

instala, o desespero invade a alma e o ser encara seu lado negro, admitindo como Nietzsche em uma de suas descidas: “Procurei o pior no mundo e encontrei a mim mesmo”.

Jung citou esse estágio do funcionamento humano em seu Livro Vermelho:

Eu vi como a serpente negra se enroscou no alto do lenho da cruz. Ela entrou no corpo do crucificado e novamente saiu, transformada, da boca dele. Havia ficado branca. Ela se enrolou em torno da cabeça do morto como um diadema, e uma luz brilhou sobre a cabeça, e no Oriente surgiu esplendoroso o sol. Fiquei estático e olhei desorientado, e carga pesada oprimiu minha alma. Mas o pássaro branco que estava pousado em meu ombro disse-me. ‘Deixa chover, deixa o vento assobiar, deixa que as águas corram e que o fogo arda em chamas. Deixa a cada um seu crescimento, deixa ao que se vai tornando seu tempo’. (JUNG, 2010, p. 309 e 310)

Podemos entender que a serpente negra invade nosso ser, quando recolhemos uma projeção. Ela traz em si o veneno e a cura, pois, a partir da sua descida, torna-se branca e transformada. Mas isso somente ocorre com a descida, com a opressão da alma, como disse Jung na citação acima: “é inevitável”, e como disse o pássaro a ele: “é preciso se entregar, deixar a água correr e o fogo arder”, é preciso se entregar ao sacrifício. (op. cit., 2010, par. 309 e 310)

Jung continuou: “Teu desejo se sacia em ti. Não podes levar a teu Deus alimentos sacrificiais mais valiosos do que a ti mesmo. Que tua voracidade te engula, então ela ficará cansada e quieta, e tu dormirás bem e olharás o sol de cada dia como um presente.” (JUNG, 2010, p. 310)

Voltando ao mito de Eros e Psiqué, vemos que, no momento de sua queda, Psiqué cai em terra e inicia um movimento oposto ao que estava vivendo até então. Aqui ela não podia mais ser atendida pelas Vozes que satisfaziam todas as suas necessidades e desejos, precisando, por si mesma, se nutrir e se salvar.

Enquanto Psiqué cai por terra sozinha e desesperada, Eros parte voando, com um ferimento aberto no peito. (BRANDÃO, 2003) Entramos em contato aqui com o momento mitológico de afastamento entre o casal, conduzindo cada um à sua jornada individual.

O oposto do encontro é o afastamento, e o oposto de se afastar do outro é aproximar-se de si mesmo, e, com isso, iniciar a sua via sacra e a aprender a se alimentar das suas fraquezas, dores e medos.

Aprender a viver as polaridades ensina ao indivíduo o caminho do meio.

Aí iniciou a jornada de sacrifício de Psiqué, que peregrinou em sua dor, dia após dia; e, quando não pôde mais suportar, foi ao palácio de Afrodite, a Deusa do Amor, pedir socorro. (BRANDÃO, 2003) Afrodite não deu a Psiqué o que ela estava pedindo, mas deu a ela, exatamente, o que ela estava precisando para contribuir com sua evolução e com seu objetivo de viver sua história de amor. Tal qual o que ocorre diariamente em nossa vida afetiva.

Afrodite após humilhar Psiqué, entregou-a para suas escravas Inquietação e Tristeza para que a torturassem, o oposto do que ela vinha vivendo no castelo de Eros. E como se não bastasse, impôs-lhe quatro célebres tarefas. (BRANDÃO, 2003). Vemos aqui novamente o quatro, ou seja, a necessidade de percorrer os quatro caminhos de nossa cruz individual, percorrer nossa jornada de alma, para que, a partir do esforço individual, o relacionamento possa ser vivido num paraíso resignificado, consciente e diferenciado.

A primeira tarefa consistiu em separar uma enorme pilha de sementes, de tal forma que cada uma delas estivesse em seu lugar antes do amanhecer, ou seja, um trabalho noturno; Psiqué vê a dificuldade da tarefa e desiste; uma formiguinha que passava por ali percebeu a impossibilidade da tarefa e, revoltada com a perversidade da deusa, convocou um batalhão de formigas, as ágeis criaturinhas da terra, para realizarem a tarefa para Psiqué. (BRANDÃO, 2003)

Separar as sementes pode simbolizar o ato de separar o eu do tu, separar o mundo individual do coletivo para, posteriormente, aprender a cuidá-lo. No início do relacionamento, os conteúdos de cada um encontram-se misturados, tal qual a pilha de sementes oferecida por Afrodite. Psiqué precisa aprender a des-misturar, a conhecer a si mesma, a separar seus conteúdos, tal qual todo o feminino expulso do paraíso.

Ao separar as sementes, o indivíduo se encontra num estado de separar isso daquilo, e assim pode realizar uma reflexão a respeito de sua vida, a respeito do contexto que lhe cerca e que parece, muitas vezes, o engolir em atividades frequentemente desnecessárias para sua evolução.

No que tange a “separar”, podemos pensar na necessidade de diferenciação de um aspecto psíquico ou de uma retirada de projeções. Separar no relacionamento o que é conteúdo de um e do outro. E no que tange ao símbolo das Sementes, elas são o cerne de toda a natureza, a primeira etapa da nutrição. Na semente está a essência do que plantamos, do que colhemos e, conseqüentemente, do que nos alimentamos.

A nutrição deve ser entendida não somente no sentido literal, do alimento que nutre o corpo físico, mas também como os alimentos que damos a nossa alma. Separar sementes proporciona ao indivíduo a possibilidade de realizar uma reflexão a respeito de seus alimentos físicos, emocionais e espirituais.

Separar as sementes exige primeiramente que se olhe para elas, para identificar suas características, se são sementes de carinho, sementes de implicância, de cobranças, de ciúmes, sementes de amor, de admiração, de estímulo, sementes de competição, de desamor, de desvalor, de poder, se são sementes do ego, do complexo ou do Self. Em seguida, iniciar a separação e, assim, realizar a tarefa, tornando-se consciente do seu funcionamento e da nutrição que proporciona a si e a sua relação amorosa. Só podemos transformar aquilo que vemos. Somente o que está ao nosso alcance é que podemos trocar de lugar ou mudar de forma.

Essa etapa é de concentração, disciplina, foco, responsabilidade e sabedoria para entender que tudo o que é feito por alguém interfere diretamente na sua colheita e também nas suas relações. Tal qual o funcionamento das formigas que, simbolicamente, auxiliam esse processo com seu próprio exemplo, focadas em suas obras individuais, sem perder o espírito de comunidade. Trazem com seu símbolo a oportunidade de desabrochar no indivíduo seu aspecto cooperativo.

A segunda tarefa de Psiqué consiste em colher a lã de ouro que recobre o dorso dos carneiros ferozes que pastavam ali, bem perto do rio. Psiqué caminhou em direção ao rio, não para executar a tarefa impossível, mas sim para suicidar-se. Ela foi salva por um caniço verde que lhe indicou como apanhar os flocos de lã de ouro; ele lhe orientou a esperar o anoitecer, para que os carneiros adormecessem e, assim, ela poderia juntar os flocos presos nas árvores do bosque por onde eles haviam passado durante o dia. (BRANDÃO, 2003)

O símbolo do carneiro da lã de ouro está associado ao poder criador e destruidor do sol resplandecente, sendo também o símbolo da masculinidade suprema. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999)

Muitas vezes energias masculinas muito poderosas precisam ser redimidas para poderem ser reintegradas em seu aspecto criador, para que não destruam a construção do feminino. Este, por sua vez, tão essencial para o processo, pois tange o aprendizado e a escuta da sabedoria interior, bem como a consolidação da ligação amorosa consigo mesmo e com o mundo. (JOHNSON, 1993)

Pode-se pensar que somos convocados a realizar a segunda tarefa, quando a força masculina do Poder aparece em alguma situação da vida cotidiana e também quando um complexo é ativado nas brigas de casal, nas quais aspectos agressivos agem em um ou em ambos membros da relação, para retroalimentação de uma dinâmica psíquica e/ou para proteger uma fragilidade interna.

Nesses casos, a sabedoria interior pode ser ativada, orientando a ação do indivíduo que foi chamado à tarefa; essa orientação se dá no sentido de que não se deve realizar o confronto direto com essas forças, como Psiqué, orientada a conseguir o que precisava por uma via indireta. Seria necessário aguardar o tempo certo, para que essas poderosas forças masculinas adormeçam e a tarefa possa ser realizada.

Vale lembrar que, novamente, trata-se de um trabalho noturno, no qual é necessário o não confronto para evitar uma batalha. Para tanto, não se deve nortear a ação exclusivamente através do Logos, do masculino, mas sim, principalmente, através do princípio feminino, que possui uma visão tridimensional, contrária à visão focal do masculino.

Assim, é possível recolher e organizar os conteúdos que foram acionados na relação, e que, numa discussão, geralmente são espalhados por toda parte; e a tempo refletir a respeito da situação. E, posteriormente, entregar tais conteúdos ao outro num diálogo, cumprindo a tarefa com uma solução mais sensata, capaz de manter o amor permeando essas situações.

Dessa forma, é possível atenuar a agressividade do carneiro e deixar pulsando o potencial do cordeiro de Deus, que nos traz as dificuldades e os problemas como oportunidades de evolução.

Afrodite, furiosa, determinou a terceira tarefa. Deu-lhe um vaso de cristal e ordenou a Psiqué que escalasse um íngreme rochedo e colhesse a Água da Vida de uma fonte guardada em ambos os lados por dois terríveis dragões. Ao aproximar-se do rochedo, percebeu que mais prático seria desistir e matar-se. Entretanto, Zeus lhe enviou em socorro uma águia, que driblou os dragões e encheu o vaso com a água para Psiqué. (BRANDÃO, 2003)

Nessa etapa do processo, vemos que a tarefa somente seria realizada com o auxílio da águia enviada por Zeus. Apenas com a ajuda sagrada e com a visão ampliada da águia é que se tornou possível encontrar a melhor forma de driblar os dragões e recolher a Água da Vida.

Pode-se entender os Dragões como representantes simbólicos das defesas psíquicas dos indivíduos, que dificultam o acesso direto à alma. Nesse sentido, a visão da águia pode representar a visão da consciência a serviço do Self, pois é a consciência que pode ampliar a situação na qual se está inserido, e possibilitar a lucidez necessária para guiar a ação, tanto no relacionamento com o outro, quanto no processo de individuação, mostrando qual a melhor forma de acesso à alma em questão, visando à continuidade do amadurecimento no processo individual, bem como no relacionamento amoroso.

Outra questão importante dessa tarefa é a habilidade de guardar a água da vida num pequeno recipiente. Entendendo essa água como representante tanto dos aspectos positivos quanto negativos da vida, devemos conseguir armazená-la numa pequena porção, para conservarmos simplesmente a sua essência, evitando assim um esparramo mortal. Como vivemos num mundo de excessos, isso se torna um desafio, pois nossa tendência é aumentar o quanto for possível nossas vivências, sejam elas positivas ou negativas.

E conter num pequeno recipiente também pode se referir a perceber a água da vida e o Sagrado, nas pequenas coisas, nas coisas simples e corriqueiras do dia a dia. No cheiro de um café, num pôr do sol, num olhar profundo, numa delicadeza, numa luta pelo mesmo ideal, num abraço forte no meio de um medo, numa chuva mansa ou numa tempestade. Como é muito difícil conter essa água vital em meio à neurose da vida, qualquer gota dessa água vale ouro.

Afrodite deu-lhe então a última e fatal tarefa. Entregou-lhe uma caixinha e ordenou a Psiqué que descesse ao mundo de Hades, o reino dos mortos e

solicitasse a Perséfone, em seu nome, um pouco da beleza imortal. (BRANDÃO, 2003)

Psiqué, desesperada, subiu em uma torre a fim de suicidar-se. A torre, porém, lhe falou que não recusasse a prova derradeira e instruiu-a acerca do caminho mais curto para atingir o mundo dos mortos, indicando-lhe ao mesmo tempo as precauções que deveria tomar na longa caminhada pelas trevas. (op. cit., 2003)

A torre lhe instruiu como encontrar a entrada que leva ao caminho do mundo avernal. E deu a ela diversas orientações: ela não deveria ajudar o burriqueiro coxo a apanhar as varas caídas no chão; deveria levar duas moedas na boca e um pedaço de pão de cevada em cada mão; deveria entregar uma moeda a Caronte, o barqueiro, quando entrasse e entregar a outra ao sair; deveria recusar ajuda a um velho que ergueria as mãos podres implorando que ela o puxasse para dentro da embarcação; ela deveria igualmente se recusar a ajudar as velhas fiandeiras que tecem a teia do destino; deveria dar um pedaço de pão a Cérbero, cão de três cabeças, guardião do mundo dos mortos, ao entrar e ao sair, ganhando tempo para passar enquanto as três cabeças disputassem o pedaço de pão; ela deveria também recusar os banquetes de Perséfone e comer apenas pão integral e, ao conseguir o que foi buscar, deveria retornar imediatamente pelo mesmo caminho e, em hipótese nenhuma, abrir a caixinha que continha a beleza imortal. (op. cit., 2003)

Vemos que essa última tarefa solicita a realização de uma Jornada aos Infernos, e é possível perceber aqui a necessidade de se estar consigo mesmo, fazendo uso de recursos específicos para a realização satisfatória dessa jornada. Nessa tarefa, a grande orientação vem da Torre, que representa simbolicamente a sabedoria específica de uma cultura, com sua lógica, suas regras e suas disciplinas. (HOUSTON, 1997, p. 158)

Pode-se pensar na Torre também como símbolo do eixo central de cada um, advindo do inconsciente coletivo, da cultura da qual tanto o indivíduo quanto seu relacionamento amoroso fazem parte. Vemos a Torre como símbolo da estrutura positiva da capacidade social de construir um andar sobre o outro, e que, somente com o esforço da subida, degrau por degrau, é possível atingir a visão ampliada do que a cerca.

A orientação da Torre guia e impulsiona o processo dos indivíduos a uma importante iniciação, com diversas provas ao longo do caminho e para as quais são necessárias consciência, coragem, determinação, além do sacrifício.

Nessa descida, a Torre preconiza que é preciso fazer uso dos recursos internos que se tornarão conscientes ao longo do processo, não se perdendo de si e devendo estar atento aos acontecimentos a sua volta, como recursos sinalizadores de como está ocorrendo o seu processo de individuação.

Uma atitude importante, ensinada nesta tarefa, é ter consciência do momento no qual se faz necessário dizer não ao outro, para poder dizer sim a si mesmo e para que seja possível realizar a descida. (HOUSTON, 1997)

Nessa jornada, é preciso estar focado dentro para não se perder fora, o que poderia comprometer tanto a jornada interior, quanto o relacionamento amoroso.

Outra característica importante dessa jornada é que é preciso pagar um preço para realizar a descida, pois muitos de nós sabemos o quanto nos custam os confrontos do caminho rumo às profundezas de nossa alma.

Também nessa tarefa, Psique é orientada a não ajudar o velho que ergueria as mãos podres, implorando que ela o puxe para dentro da embarcação. Pois é preciso aprender que a morte sempre nos acompanhará, e será eternamente o prelúdio do nascimento. Essa orientação ajuda o indivíduo a não se perder no processo e história de vida vivida pelos outros, contribuindo para a consciência a respeito da importância das dificuldades de cada um, como possibilidades de renascimento. E a não se perder do seu caminho ajudando os outros, pois cada um tem a sua jornada a realizar. (HOUSTON, 1997, p. 159)

A Torre também salienta o quanto é preciso tomar cuidado com a sedução de tecer o destino dos outros, pois ter consciência do processo de individuação pode provocar uma inflação egóica, que pode conduzir o indivíduo a achar que pode direcionar a vida de seu companheiro (a), a partir de suas verdades pessoais. (op. cit., 1997, p. 159)

Psique também é orientada a, praticamente, não comer nenhum alimento nesta etapa. Em muitas culturas o alimentar-se junto significa forjar ligações permanentes. No que tange ao mundo interno, essa questão está associada ao fato de que não se deve se sentir em casa no reino de Hades, e tão pouco se deliciar com as dificuldades dessa jornada. (op. cit., 1997, p. 159)

E no que tange ao mundo externo, essa questão pode ser entendida como o cuidado que devemos ter quando o mundo avernal do ser amado se torna consciente para nós, - seus defeitos, seus medos e suas fraquezas – e, neuroticamente, alimentarmos a relação com os aspectos sombrios conscientizados nessa descida.

Psiqué fez exatamente o que lhe fora dito. Porém, no retorno do mundo das trevas, já em plena luz, uma grande curiosidade lhe assaltou o espírito. Ela abriu a caixinha e caiu em um sono profundo.

Eros, já curado do ferimento, e com muita saudade da esposa, adivinhando o que se passava, escapou pela janela do quarto de Afrodite, que lhe servia de cárcere, e voou até Psiqué, guardou o sono letárgico de volta na caixinha, despertou a amada e a orientou a terminar sua tarefa. (BRANDÃO, 2003)

Enquanto isso, ele foi até o Olimpo e pediu que Zeus intercedesse a seu favor. Zeus convocou todos os deuses para uma assembleia, na qual aprovaram a união entre Eros e Psiqué. Zeus ordenou a Hermes que levasse Psiqué aos céus e, tão logo ela chegou, Zeus deu lhe a bebida da imortalidade e lhe disse: “Bebe, Psiqué e seja imortal. Eros, jamais abandonará teus braços, vosso casamento será perpétuo”. (op. cit., 2003)

O mito nos mostrou que Psiqué foi bem sucedida em suas tarefas; mas, nesse ponto, deixou-se levar pela vaidade e, ao abrir o pote que recebeu de Perséfone, caiu em sono profundo, o que pode ser entendido como cair novamente em sono desperto, o sono que leva o indivíduo a seu antigo funcionamento. Fato esse que, inevitavelmente, ocorre no processo de individuação e muitas vezes pode ser observado nos relacionamentos amorosos, em que o casal se esforça, se entrega ao sacrifício, mas, ao contatar um complexo, trai a si mesmo.

Entretanto Eros, acionado nos relacionamentos amorosos, contribui para que o socorro venha no momento certo, assim como no mito, nem antes e nem depois. Na jornada de Psiqué, os auxílios que recebeu vieram em nome do amor, ajudada que foi pela relação dos elementos com Eros. Percebe-se com isso que, muitas vezes, a saída está relacionada com o amor, pois sem o amor não há saída.

Esse fato proporciona a continuidade das relações, mesmo após grandes conflitos. Entretanto, ao contrário do mito, também é possível, que a neurose da

relação faça com que Eros parta para sempre, levando o casal à dissociação do relacionamento amoroso que, muitas vezes, não termina, mas segue apenas retroalimentado pelos complexos do casal.

A jornada da Alma não é uma jornada fácil, pois lida com forças psíquicas poderosas que nos trazem a necessidade de grandes confrontos internos e externos. Psiqué, tal qual todos os seres humanos, é conduzida a sair da inconsciência e do paraíso e a realizar sua jornada individual de sacrifício para, somente após isso, estar livre para viver com Eros seu relacionamento de amor e fazer parte do mundo sagrado, tornando-se, através do amor, um ser imortal.

Voltando ao mito cristão, vale lembrar que os rituais de casamentos são, em grande parte, celebrados sob a imagem de Cristo crucificado, mas muitos não mais concretizam o “até que a morte os separe”. E também, os nossos avós tinham sobre suas camas o mesmo Cristo crucificado, um hábito que também não se perpetuou até os dias de hoje. Parece-nos que nossa sociedade não está muito disponível ao símbolo do sacrifício e está vivendo relações cada vez mais descartáveis ou com mais de um parceiro ao mesmo tempo, os “ficantes”.

Mas como foi dito até aqui, a relação amorosa somente ocorre se houver o sacrifício, o sacrifício de dois. Voltando aos ensinamentos de Cristo, podemos perceber que Maria Madalena aceitou o sacrifício para seguir seu caminho. Ela, discriminada pelo mundo machista da época, no qual o conhecimento era coisa para os homens e a mulher não tinha nem o direito de questionar nada, aceitou o sacrifício de se tornar conhecedora e fiel aos ensinamentos sagrados. E Cristo também aceitou o sacrifício de confrontar o pensamento vigente, e diversos ensinamentos ele revelou somente a ela.

Além disso, segundo Leloup, algumas informações referem que Jesus deveria ser casado, pois ele ensinava nas sinagogas. E, na tradição judaica, um homem solteiro era considerado incompleto e desobediente ao mandamento de Deus e não podia ensinar naqueles locais. (LELOUP, 2004, p.13)

Vemos no Evangelho segundo Felipe, que: “O Senhor amava Maria mais que todos os discípulos e a beijava na boca frequentemente. Os outros discípulos viram-no amando Maria Madalena e lhe disseram: ‘Por que a ama mais que a todos nós?’ O Salvador respondeu dizendo: ‘Como é possível que eu não vos ame tanto quanto a ela?’” (op. cit., 2004, p.13)

Pode-se perceber através disto que Jesus teve que enfrentar a sociedade vigente, para poder viver com uma mulher de passado sombrio. E também podemos ver que ele não colocava sua relação com ela como a única importante e tão pouco como sendo ela a que ele mais amava. Entendemos, a partir disso, que todas as relações de amor que nos cercam são importantes para nós, bem como os sacrifícios que permeiam as mesmas. Compreendemos, desta forma, expressa em seu exemplo, a importância dos relacionamentos amorosos para o processo de individuação.

Percebe-se na vida de Cristo o retrato da experiência humana da complexidade, de dificuldades e traumas a serem enfrentados. Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, nos lembrou dos conflitos infantis de Jesus Cristo:

Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas -
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.
Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça! (PESSOA, 1999, pg.142)

Todas essas questões psíquicas estiveram presentes no íntimo de Cristo durante todo o seu caminhar terreno e foi a partir disso que estabeleceu sua forma de vida e suas relações.

Sua vida foi permeada por relacionamentos importantes envoltos por sacrifícios, para citar alguns, o relacionamento com sua mãe, com João Batista seu iniciador, com Maria Madalena, bem como com cada um de seus discípulos. Pode-se entender que cada indivíduo, tal como Cristo, quando em relação com

outro, tem a seu dispor um espelho, uma porta para o emergir da consciência, bem como para que o processo de individuação ocorra.

Na alquimia o sacrifício também se dá na relação a dois, Alquimista e sóror mística, num espaço privado, no qual um deve desenvolver uma atitude cuidadosa e respeitar o trabalho do outro, sem se perder das suas obrigações com a obra em andamento.

Entretanto, o medo do sacrifício leva, muitas vezes, o indivíduo a tentar buscar o caminho mais fácil. Mas, segundo Jung:

(...) não há meios simples de tornar fácil um assunto tão difícil como é a vida. Só podemos vencer a gravidade através do uso da quantidade de energia correspondente. Da mesma forma, a solução do problema amoroso desafia o homem todo. Soluções satisfatórias só existirão quando houver uma solução global. Todo o resto é coisa malfeita e imprestável. O amor livre seria admissível se todas as pessoas tivessem posturas de alta moralidade. Mas a ideia de amor livre não foi lançada com este fim, mas para que parecesse fácil algo bem difícil. Faz parte do amor a profundidade e a fidelidade do sentimento, pois sem elas o amor não seria amor, mas simples capricho. O amor verdadeiro sempre pressupõe um vínculo duradouro e responsável. Precisa da liberdade para escolha, não para realização. Todo amor verdadeiro e profundo é um sacrifício. A gente sacrifica suas possibilidades, ou melhor, as ilusões de suas possibilidades. Se não houvesse necessidade desse sacrifício, nossas ilusões impediriam o surgimento do sentimento profundo e responsável e, com isso, ficaríamos privados também da possibilidade de experimentar o verdadeiro amor. (JUNG, 1993, par. 231)

E continuou:

(...) o amor só revela seus mais altos segredos e maravilhas àquele que é capaz de entrega total e de fidelidade ao sentimento. Pelo fato de isso ser muito difícil, poucos mortais podem orgulhar-se de tê-lo conseguido. Mas, por ser o amor mais devotado e fiel o mais belo, nunca se devia procurar o que pode torná-lo fácil. Alguém que se apavora e recua diante da dificuldade do amor é péssimo cavaleiro de sua amada. O amor é como Deus: ambos só se revelam aos seus mais bravos cavaleiros. (op. cit., 1993, par. 232)

Percebe-se no que falou Jung que, para viver o amor, é necessário ser corajoso, ter resistência e perseverança. Para mergulhar nas profundas águas

desse imenso oceano que é o amor, é preciso ir fundo, vencer os medos e os obstáculos, que podem ser verdadeiramente superados, quando se revela a compreensão.

É necessário, ainda, olhar atento e escuta apurada da voz do coração, da voz do Self, para que, dentre tantas possibilidades, se encontre a concha que abriga a preciosa pérola.

Como tudo o que vai, volta, após o mergulho e a obra realizada nas profundezas desse oceano, é necessário retornar à superfície, e mostrar ao mundo o valor de seu achado. Entretanto, cuidado, pois na última tarefa, Psiqué mostrou como é fácil cair em tentação. Temos que mostrar nossa conquista não com exibicionismo, mas com o amor pulsando em nossas atitudes com aqueles que se aproximam de nós.

“(...) Por isso não perguntamos o que alguém faz, mas como o faz. Se o faz por amor e no espírito do amor, então serve a um Deus; e o que quer que faça não cabe a nós julgá-lo, pois está enobrecido.” (JUNG, 1993, par. 234)

Esse caminho não é nada fácil, mas é essa dificuldade que confere valor à obra. Preço alto que vale a pena. Bem pago por uma joia tão valiosa, o amor.

5. O RETORNO AO PARAÍSO: A DIFERENCIAÇÃO

Quando o sacrifício foi aceito e vivido, um terceiro elemento se faz presente na relação, o sagrado. A palavra sacrifício vem do latim *sacrificium*, que significa ato ou coisa sagrada, e *sacrificium* vem de *sacrum facere*: tornar sagrado. Sendo assim, o sacrifício torna sagrada a relação amorosa. (BUENO, 1968)

A cruz é a representante da árvore da vida. Se traçarmos um quadrado na cruz, teremos quatro triângulos apontando para o centro. (JUNG, 2000, par.426)

O três e o quatro nos conduzem ao *axioma de Maria na alquimia*: «o Um torna-se Dois, o Dois torna-se Três, e do terceiro nasce o Um como Quatro». Pode-se pensar que o Um é o representante do casal no paraíso, o Um da indiferenciação, o Dois se fazendo presente com o nascer da consciência dos opostos, o Três como representante da entrega ao sacrifício, e o Quatro como a morte e a ressurreição do crucificado, como o retorno ao paraíso, à unicidade diferenciada.

Partimos do paraíso e para lá iremos retornar, sendo que, para tanto, deve-se percorrer o caminho da individuação e, através do sacrifício, encontrar o centro. Percebe-se essa questão na citação de Jung:

(...) No centro do quadrado há um círculo com raios. O escólio explica-o da seguinte maneira: 'Divide a tua pedra nos quatro elementos e une-os em um só, e terás todo o magistério. O círculo no centro é chamado mediador, que estabelece a paz entre os inimigos ou entre os quatro elementos, aliás é aquele que realiza a quadratura do círculo. (...) Na circulação dos espíritos e na destilação circular, isto é, do exterior para o interior e do interior para o exterior, e também quando o inferior e o superior se encontram em um e mesmo círculo, tu não discerniria mais o exterior do interior, o inferior do superior, mas tudo seria um só num único círculo, ou vaso. (JUNG, 1991, vol.XII, par. 167, rodapé 43)

Este movimento psíquico rumo ao centro não ocorre uma única vez, trata-se de um movimento circular. Pode-se ver isso no mito de Perséfone, no qual o movimento do superior e do inferior acontece em ciclos.

Perséfone foi raptada por Hades, sendo tirada de sua Mãe Deméter e levada para o mundo avernal. Zeus, o Deus supremo concede a ela que permaneça dois terços do ano com Hades, no mundo subterrâneo, e um terço com Demeter, na superfície. Percebe-se nesse mito que, se isso não ocorresse assim, a produtividade nutridora do mundo cessaria, pois Deméter ameaçou que não mais deixaria nada nascer e florescer no mundo se não tivesse sua filha de volta. Pode-se ver aqui, o ano dividido em três, mostrando que o processo não é estático e sim circular. (BRANDÃO, 2003)

Na saga de Cristo observa-se que, após sua morte ele desceu ao mundo dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus. Percebe-se novamente o três, indicando a movimentação do processo de individuação.

O movimento simbolizado pelo três e pelo quatro aparece em diversas divisões da vida: as quatro estações do ano, com duração de três meses cada; os doze signos do zodíaco e sua divisão nos quatro elementos da natureza, terra, fogo, água e ar, sendo três signos em cada grupo; os quatro pontos cardeais e as quatro fases da lua. Não devem, de forma alguma, ser obra do acaso essas divisões, pois como disse Cristo:

“Tudo o que nasceu, tudo o que foi criado, todos os elementos da natureza estão estreitamente ligados e unidos entre si. (...) Que aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.” (LELOUP, 2004, p. 25)

Percebe-se que nada ocorre por acaso e que tudo está ligado a tudo. Leloup comentou essa passagem, dizendo que precisamos nos tornar capazes de compreender o sutil. Segundo ele, “o Real só se dá àqueles que têm tempo para Escutá-lo e que antes de escutar o dizer abissal, sabem suportar o silêncio.” (op. cit., 2004, p. 48)

Cristo, que regenera a humanidade algumas vezes, é representado como uma serpente atravessada na cruz (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p.823), tal qual o símbolo do sonho que deu origem a este trabalho. E a serpente também nos possibilita um ensinamento quanto ao ouvir. Ela traz em seu corpo físico uma característica importante, não tem ouvido externo, apenas um ouvido interno que lhe permite sentir as vibrações, ou seja, ouvir o movimento, e não o som. Pode-se associar essa característica da serpente à necessidade de ouvir referida por Cristo, ou seja, precisamos ouvir também com o ouvido interno.

Na relação amorosa, não devemos ouvir apenas o que nosso companheiro diz, mas também ouvir seu movimento na vida, seu movimento em seu processo de individuação. Lembrando que somente podemos ouvir o outro se anteriormente tivermos aprendido a ouvir a nós mesmos.

Cada indivíduo tem seu processo interior, sua forma e seu tempo para percorrê-lo, entretanto: “(...) aqueles que querem compreender a natureza e os acontecimentos do mundo devem aprender a sonhar antes de aprender a pensar. A linguagem das Escrituras Sagradas é aquela das imagens e dos símbolos próprios aos sonhos, mais do que aquela de conceitos próprios às ciências.” (LELOUP, 2004, p. 18)

Escutemos, então, as palavras do próprio Cristo, sintetizando o caminho a ser percorrido para que a entrega ao sacrifício conduza o indivíduo ao paraíso da diferenciação:

(...) Sou uma lâmpada para ti, que estás me vendo. Amém.

Sou um espelho para ti, que me conheces. Amém.

Sou uma porta para ti, que bates diante de mim, pedindo para entrar. Amém.

Sou um caminho para ti, que és um peregrino.

Mas quando continuares a minha ronda, contempla a ti mesmo em mim, que estou te falando...

Enquanto dançares, considera o que estou fazendo; vê que este sofrimento que eu quero sofrer é o teu (sofrimento), pois não compreenderias o que é sofrer, se meu pai não tivesse me enviado a ti como Palavra (Logos)... Se conhecesses o sofrimento, possuirias a impassibilidade. Conhece, pois, o sofrimento e terás a impassibilidade... Reconhece em mim a Palavra da Sabedoria!” (JUNG, 1988, par.415)

Na primeira frase do versículo, quando Cristo fala da lâmpada, esta pode ser entendida como representante da luz da consciência, como a necessidade da saída do paraíso. Em seguida, pode-se supor que Ele estava salientando a consciência das projeções, a importância do espelhamento de si mesmo através do outro, o contato com a cruz, a integração dos opostos, apresentando-se como representante humano do caminho necessário para o encontro do portal que nos conduz à evolução.

É possível entender, quando se refere a estar dançando, a importância de se dançar a dança da vida, levando em conta o seu exemplo, bem como seus relacionamentos. O seu sofrimento, como representante da importância do nosso processo; sua crucificação, como representante da necessidade da nossa crucificação. Pois parece que o sacrifício nos conduz à crucificação, e esta nos conduz à ressurreição. E a compreensão de todo este processo somente é possível através da palavra, ou seja, da comunicação entre os opostos, dentro e fora de si.

Jung pode nos mostrar a importância que via no exemplo de Cristo, dizendo:

Agora vós que antes estáveis longe, vos aproximastes no sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, *ele uniu as duas partes em um todo* e destruiu a parede divisória, a inimizade, em sua carne, acabando com a lei que constava de preceitos expressos em decretos, para fazer do dois, em si próprio, *um* só homem novo, promovendo a paz, e para reconciliar com Deus os dois em *um* só corpo por meio da cruz, depois de por meio dela ter extinguido a inimizade. Ele veio e anunciou como boa-nova a paz a vós que estáveis longe e a paz aos que estavam perto, pois por meio dele nós dois temos acesso ao Pai em *um* só espírito. Assim já não sois estranhos e hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificadas sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Cristo Jesus a pedra angular, na qual o edifício inteiro cresce unido para ser um templo santo no Senhor, no qual também vós sois juntamente edificados para ser uma morada de Deus no espírito. (JUNG, 1997, par. 10)

Assim, pode-se entender que, através dos ensinamentos de Cristo, da retirada das projeções e da integração dos opostos em nossa cruz individual, temos a possibilidade de voltar ao paraíso, ao paraíso diferenciado, à reconciliação com Deus em nosso processo individual e em nossa relação amorosa. Podemos voltar ao centro.

Segundo Leloup:

“Toda evolução é um retorno, um retorno que não é uma regressão. Retorno não quer dizer retorno para trás, mas retorno para ‘Adiante’, retorno a este lugar que é nossa origem e nosso fim, nosso alfa e nosso ômega; este lugar

que é 'fora do tempo'. Trata-se bem de origem e não de começo." (LELOUP, 2004, p. 47)

Libertando-nos das amarras das faltas e necessidades internas projetadas no outro, das amarras de dentro e de fora de nós, nos daremos conta de que nosso relacionamento amoroso depende diretamente do que vamos fazer com ele, em consequência do que estamos conseguindo fazer por nós mesmos.

"O que está dentro é como o que está fora". (JUNG, 1991, vol. XII, par.410)

E também que o relacionamento amoroso e seu funcionamento em ciclos proporciona um movimento que conduz o indivíduo às profundezas de sua psique e que o faz retornar à superfície, proporcionando voltas de mortes e renascimentos que proporcionam a entrega ao amor.

Frequentemente, entende-se que se entregar em um relacionamento amoroso representa se jogar de grande altura no colo do outro e confiar que este outro irá segurá-lo. Entretanto, a entrega deve ser realizada a nós mesmos, somos nós a nos segurarmos lá em baixo, ao mesmo tempo em que saltamos lá de cima. A verdadeira entrega ao amor não é a entrega ao outro, é a entrega ao amor que sentimos pelo outro; a entrega é, em sua essência, realizada a si mesmo. E se ambos se entregarem ao mesmo amor, o encontro está feito e o amor pode ser vivido na relação.

Como disse Izolda à Tristão: "Se nossos amores forem um só ou se tivermos a mesma forma de amor, que nenhum possa esmorecer e nem morrer... Não sei se a morte é maior que a vida, mas sei que o amor é maior que os dois". (Filme: Tristão e Izolda. Dir. Kevin Reynolds. Europa Filmes)

Na relação com o outro é possível compreender que a entrega ao amor não é o salto e tampouco a queda, a entrega é o voo, o voo do amor, voo que reflete a liberdade de ser quem se é, e ao mesmo tempo, de se sentir na unicidade com o outro. O amor une os seres sem fundi-los, mas integrando-os plenamente, em si e no outro.

Retornar ao paraíso representa reintegrar-se ao todo, com a consciência do negativo e do positivo na vida, Segundo Jung, "Procura-se e com certeza sempre se há de procurar o 'caminho do meio', um ponto em que os opostos se unem. (...) a união da verdade racional com a verdade irracional deve ser encontrada (...) no símbolo, pois é da essência do símbolo conter ambos os lados, o racional e o irracional. Ao expressar um, exprime também o outro, de

modo a abraçar os dois ao mesmo tempo, mas não sendo nem um e nem o outro.” (JUNG, 1993, par. 24)

Retornar ao paraíso pode representar a volta ao centro, para dele se alimentar e para recarregar as energias. Pode representar a bonança da vida, aqueles momentos de calma, nos quais nos sentimos em equilíbrio, apreciamos nossas conquistas, nutrimo-nos com os alimentos da nossa vida vivida e nos fortalecemos, mesmo sem que saibamos, para, em seguida, vivermos mais uma queda do paraíso, para mais uma volta de ampliação de consciência no processo circular da individuação.

CONCLUSÃO

Vimos, então, que o relacionamento amoroso pode trazer em si a possibilidade de se estar submetido a um movimento cíclico de ampliação de consciência que se repete sucessivas vezes nas etapas do relacionamento.

O estado indiferenciado do paraíso traz a prontidão para a vivência da entrega, da *coniunctio* e da consciência das projeções. A queda traz a possibilidade de viver o nascimento da consciência na relação, de fazer uso do outro como espelho que reflete nossa própria imagem. A cruz como símbolo da percepção dos opostos. A crucificação, como representante da possibilidade de viver a tensão entre os opostos que, por sua vez, possibilita a vivência do sacrifício na relação. E o sacrifício como a possibilidade da morte da relação ideal projetada para que a relação real e diferenciada possa nascer. Isso porque a cada volta, tem-se a possibilidade de mais uma ampliação de consciência de si mesmo e do outro, de consolidação do relacionamento e de evolução no processo de individuação.

O futuro do relacionamento amoroso depende da caminhada de cada um na relação e de sua consciência do hoje. É essencial que se volte ao paraíso e que dele se saia quando for necessário, respeitando a indicação do Self frente à necessidade do momento.

Como vivemos numa sociedade de excessos, parece que precisamos ter o outro e do outro o máximo possível; entretanto, para que haja equilíbrio na relação amorosa, é preciso identificar a proximidade e o distanciamento necessários, para que os indivíduos estejam envolvidos e não misturados.

Assim o maior desafio no relacionamento amoroso é suportar a individualidade e brindar a convivência. A intersecção da cruz é muito menor do que cada parte livre de relação, podendo ser isso um indicador do quanto se deve estar na relação com o outro e do quanto se deve estar na relação consigo mesmo.

Pode-se perceber a intersecção como a representante da relação amorosa, com forte carga energética que abastece e nutre os indivíduos envolvidos. Entretanto, torna-se dolorida e conflituosa quando a relação se

configura como única fonte de abastecimento energético individual. Temos que nos abastecer principalmente de nós mesmos, já que, na cruz, o que sobra de cada parte é visivelmente maior do que o que interage.

Segundo Tolstoi: “O amor começa quando uma pessoa se sente só e termina quando uma pessoa deseja estar só”. Acredito que podemos acrescentar a essa frase que o amor permanece quando a pessoa consegue ficar só.

A vida vivida de cada um faz viver o amor na Estrada da individuação. Ambos devem estar atentos à paisagem do seu caminho, que fala através dos símbolos por onde se deve caminhar. E assim, a cada passo entrelaçado, o casal tece seu fio, e com ele a sua rede, para nela se embalar, a ela se agarrar e pelo caminho descansar.

Quanto mais próximo de si mesmo for possível chegar, mais perto estará do outro, e mais inteiro para a vivência do relacionamento amoroso. E, conseqüentemente, mais perto estará do Sagrado e de suas grandes lições.

Finalizo este trabalho agradecendo ao Self pela indicação dos símbolos apresentados no sonho, bem como pelo pequeno, mas importante entendimento das lições sagradas, vividas aqui através das imagens arquetípicas.

“Procura tornar-te tal como queres que seja a obra por ti buscada” (JUNG apud DORN, 1988, par. 264, rodapé 58)

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, J.. *Mitologia Grega*. vol. II, 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUENO, S.. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. vol. VII. 2ª ed. São Paulo: Saraiva. 1968.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A.. *Dicionário de Símbolos*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- EDINGER, E. F.. *Ego e Arquétipo*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- EDINGER, E. F.. *O Arquétipo Cristão*. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- FERREIRA, A. B. H.. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- HILLMAN, J.. *Psicologia Alquímica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HOUSTON, J.. *A Busca do Ser Amado: A Psicologia do Sagrado*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- JAFFÉ, A.. *O Mito do Significado*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JOHNSON, R. A.. *We: A Chave do Entendimento do Amor Romântico*. São Paulo: Mercury, 1997.
- JOHNSON, R. A.. *She: A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina*. São Paulo: Mercury, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. vol. XI. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- JUNG, C. G.. *Estudos sobre Psicologia Analítica*. vol. VII. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G.. *A Dinâmica do Inconsciente*. vol. VIII. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. vol. XII. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia em Transição*. vol. X. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. *Mysterium Coniunctionis*. vol. XIV/1. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2000.

- JUNG, Carl Gustav. *Estudos Alquímicos*. vol. XIII. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. *Livro Vermelho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LEAL, G. editora. *Revista Viver Mente e Cérebro*, São Paulo: Ediouro Duetto Editorial LTDA; nov.2008
- LELOUP, J.Y.. *O Evangelho de Maria*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NEUMANN, E.. *História da Origem da Consciência*. 10ª edição, São Paulo: Cultrix, 1995.
- PERERA, S.. *Caminho para a Iniciação do Feminino*. 3ª edição, São Paulo: Paulus, 1985.
- SANFORD, J. A.. *Os Parceiros Invisíveis – O masculino e o feminino de cada um de nós*. 6ª edição, São Paulo: Paulus, 1986.
- SHARP, D. *Léxico Junguiano – Um manual de Termos e Conceitos*. 10ª edição, São Paulo: Cultrix, 1997.
- REYNOLDS, Kevin (Diretor). *Tristão e Izolda*. Europa Filmes.